

A IMPRENSA OPERÁRIA E O CASO DE “O GRÁPHICO”

Teresa Vitória Fernandes Alves *

No Brasil, a chegada do século XX foi marcada por mudanças no panorama econômico, político e social. Recentemente instalada, a República deparava com novos problemas na esfera da atuação política e econômica do Estado, em parte, frutos do impacto das transformações no cenário internacional.

Passada a euforia da virada do século e o choque da Primeira Guerra Mundial ¹, o ambiente político, econômico e social de grande parte do planeta tinha pouco a ver com as imagens deixadas pelos primeiros anos do século XIX. Os países europeus industrializados perdem a sua soberania no panorama internacional para os EUA. O mundo do trabalho, os operários buscavam ampliar as suas conquistas sociais, fazendo crescer e disseminar os socialistas e libertários nascidos no século anterior.

No Brasil, o processo de crescimento dos meios urbanos e das atividades industriais fortalece a crença no progresso e na modernidade, desvinculada do ideal de vida nos meios rurais. As cidades deveriam espelhar esta nova realidade, com ruas limpas, praças arborizadas. Povo e cidadãos dispostos ordenadamente no espaço urbano ².

Na defesa dos “novos” ideais temos o surgimento de grupos organizados, alguns sob forma partidária, outros mantendo a estrutura das antigas organizações operárias, como os sindicatos e jornais. Nesta nova concepção da sociedade, a exaltação do trabalhador com principal elemento da sociedade fez o movimento operário brasileiro romper os grilhões que o prendiam às tradições escravistas, no qual qualquer atividade manual era considerada indigna e humilhante para os que poderiam ser considerados cidadãos ³.

Como na Europa, os trabalhadores brasileiros edificavam um novo capítulo na sua história, através da projeção das suas diversas identidades na construção da cultura social do país. O processo de edificação de uma identidade coletiva para o “trabalhador” tinha pela frente

a resistência imposta pelas forças governamentais e, sobretudo, pela superação da própria diversidade do movimento, dividido em inúmeras ideologias e grupos de combate.

No início do século XX, uma nova tendência político-ideológica tomou força no cenário brasileiro e ganhou espaço no movimento operário, o anarquismo⁴. Apesar de numerosas, as organizações anarquistas representavam apenas um dos lados de um quadro bem mais complexo. As antigas e tradicionais associações de “artistas” conseguiram sobreviver aos ideais mais radicais mesclando o mutualismo do século XIX a um passado mais distante, o das irmandades religiosas. Os modelos importados da Inglaterra misturavam o tradicionalismo e o paternalismo, que foram levados para o interior das fábricas que implicou num vínculo entre empregador e empregado que tendia a ser visto como uma continuidade dos laços familiares⁵.

As vozes do operariado não se restringiam somente aos gritos de greve ou nos cumprimentos aos patrões, e extrapolavam o âmbito das fábricas e das ruas. A imprensa operária reunia uma gama infinita de temas que traduziam todos os momentos vivenciados pela classe trabalhadora, desde reivindicações e sonhos de um mundo melhor até a convivência em família e sua visão real da sociedade em que viviam⁶.

As mensagens reproduzidas diariamente na grande imprensa, exigiam dos operários dedicação profissional e disciplina no trabalho. Elas não eram recebidas de maneira uniforme pelo conjunto de trabalhadores. De acordo com suas idéias, crenças e valores, eles interpretavam os conceitos de acordo com a sua cultura de classe. Um complicador nesse processo é que existiam divisões entre os próprios trabalhadores – divisões de origens étnicas, regionais, nacionais e profissionais. Nesse último caso os gráficos tomariam as mensagens dominantes como elementos reforçadores no orgulho de sua categoria.

Em contrapartida ao ideário da elite, onde o trabalhador era apresentado como um “ser dócil” e “inferior”, a imprensa operária resgata a idéia do orgulho do trabalho e recoloca para o operariado a questão da cidadania. Neste plano, um grupo merece destaque na sua produção jornalística, dada o seu lugar privilegiado no meio, os gráficos.

Como veículo de comunicação, O Gráfico, periódico editado pelos tipógrafos e trabalhadores gráficos em geral, se destaca por ser o instrumento de defesa da classe trabalhadora como um todo, revelando nas suas entrelinhas as influências culturais daqueles que o editavam. Publicado em 1916 e 1919 na cidade do Rio de Janeiro esse periódico, repleto de notícias, reflexões, notas informativas, poesias e anúncios, tornou-se um instrumento de defesa da classe trabalhadora como um todo, revelando nas suas entrelinhas as influências culturais daqueles que trabalhavam diariamente. O intercâmbio de imagens entre os produtores e os receptores do discurso de “O Gráfico” fornecem dados do seu cotidiano social; por detrás da rudez de suas vidas, das mãos sujas de tinta e do suor que caía pelo rosto, eles pensavam e transmitiam suas idéias para o grupo e para outros trabalhadores do Rio de Janeiro de 1916.

Pensamos, talvez com alguma razão, que a dificuldade até hoje encontrada para a organização neste país de um sólido movimento operário, reside numa causa exclusiva: a falta de instrução adequada a uma grande parte, a maioria sem dúvida do operariado brasileiro ⁷.

Na “auto-imagem” que apresentavam, os gráficos passavam a atribuir para si um papel de destaque com relação aos outros trabalhadores. Se por um lado eram taxados de trabalhadores devido suas condições de vida, por outro lado o domínio da escrita e de todo um conhecimento literário os levava a ocupar um lugar privilegiado na sociedade, tornando-se a elite dos trabalhadores. Viver entre dois mundos fazia com que surgissem dúvidas entre qual espaço ocupar. Se os outros trabalhadores da Primeira República eram excluídos, os gráficos sofriam duas vezes essa exclusão ⁸, pois ao seu modo queriam e deveriam ocupar um espaço que não era o mesmo dos outros trabalhadores.

“O Gráfico”, traça o perfil de homens que buscavam o aprimoramento e o reconhecimento profissional, mas ao mesmo tempo fazia com que se percebessem enquanto

trabalhadores que queriam construir a sua imagem para a sociedade. No momento da construção da identidade coletiva, o jornal se torna o veículo de convencimento e traduz valores, tradições, idéias, crenças, hábitos e comportamentos o que dá liberdade de recuperar a forma de agir de um grupo social específico e dos que fazem parte do seu círculo social imediato.

Antes do pão a educação – visto ser esta a melhor garantia de solidariedade, a mais acertada para o meio em que vivemos e para a actual geração. Seguiremos o mesmo caminho porque julgamos capaz de no conduzir (...) sendo O Gráfico o mensageiro do nosso pensamento e das nossas aspirações, (...) propaganda verdadeira, sem vaidade e sem mesquinhas pretensões. Convencidos toda via de que este jornal (...) sem (...) persuasiva e criteriosa as faltas insidiosamente cometidas pelos transviados, tentem desvirtuar a grandeza da obra que nos propomos realizar, elevando a moral, intellectual e materialmente de uma classe numerosa e digna.⁹

Em seu jornal os gráficos realizavam concretamente a idéias de transformação do pensamento, pois era o meio de representação/expressão¹⁰ das formas de pensar, dos desejos, ansiedades, das preocupações e das reivindicações desse grupo de homens. Aí eles contavam e mostravam sua cultura, ligada a uma tradição e às visões de mundo desses operários. Ao escrever, editar e publicar seus artigos, os gráficos se percebiam como transformadores sociais, ou seja, homens com o objetivo de transformar a sociedade em que estavam inseridos.

Multiplos são os problemas que ao operariado compete resolver: o dia de oito horas, a regulamentação para menores e mulheres nas fábricas, os accidentes de trabalho, a prophylaxia contra a tuberculose nas oficinas, a garantia de conservação na casa do trabalho affirmada pelo tempo, o afastamento das luctas operarias de elementos que não pertencem ao meio, o abandono da política dos potentados, etc.¹¹.

Ao trabalhar com um pequeno grupo de operários e seus indícios/vestígios (jornal), busca-se reconstruir as histórias de uma sociedade partindo do singular (micro) para o universal (macro)¹². Então, o jornal “O Gráfico” pode ser visto como um conjunto de indícios de uma sociedade e, ao estudá-lo, percebe-se informações de diferentes naturezas que poderão auxiliar no trabalho de reconstrução de estruturas de relacionamentos da sociedades estudada, como por exemplo a própria construção desse grupo como classe social.

Como texto, documento e fonte histórica, o jornal é fruto da união entre uma máquina e as mãos humanas. A máquina guiada pelas mãos humanas, carrega a subjetividade do homem-gráfico, que trabalha o texto conforme sua perspectiva/olhar. Percebe-se, assim, que a linguagem cotidiana pode ser expressa tanto por gestos, imagens, quanto pela linguagem textual. Sabe-se que as palavras possuem um duplo sentido: o que significam e o que querem dizer. Além do que, servem como fio condutor de memória. Não se pode deixar de ressaltar o papel da memória, entendida como sendo o grande jogo de conservação e esquecimento de certas informações, já que o homem é um animal social e por isso não é neutro ele age e reage ao seu contexto social, formando um amálgama próprio – a memória – por todos compreendido e que lhe dá uma identidade própria e serve de esteio e de manipulação.

Deve-se lembrar ainda, que o Estado e a imprensa são vistos como meios de produção e distribuição dos símbolos que legitimarão a ideologia do campo político. Sendo a linguagem escrita ou falada uma forma de comunicação, ela cria códigos e convenções que fazem alusões ao contexto cultural em que está inserida. Através dela captamos os modos de ser e as relações estabelecidas entre os homens.

O Rio de Janeiro da Primeira República era o da *Belle Époque*, do progresso técnico e científico, em que a busca pelo ideal de civilização foi constante. Nada melhor do que os jornais para difundirem as regras/normas de comportamento criadas. Ao entrarem em contato com essas práticas, os diferentes grupos sociais se apropriavam das informações e as adequavam às suas realidades culturais. Passava então a ser visto como verdade tudo

aquilo que vinha escrito no jornal, e a imprensa ganha, assim, o papel de intermediária entre o poder público e os diferentes grupos sociais.

Os gráficos assumem um papel de destaque quando nos voltamos para a história do mundo do trabalho. Tipógrafos e revolucionário vão se tornar sinônimos de protesto quando voltamos o olhar para o início do século XX. Atitudes, expressões e diferentes olhares embrenham-se em um universo de mãos calejadas e corpos cansados, porém ávidos e desejosos de se tornarem atores sociais na formação desse Brasil da Primeira República.

No Brasil, paíz há 26 annos *democratizado*, num regimen que é a *incorporação* do proletariado na sociedade, o operario, na sua maioria, vegeta uma existência de privações, enquanto elles, os taes das legislações e do Estado, vivem fartos, sadios e nédios, com os dentes presos á têta farta da *mãe patria*. Em ambas as casas do Congresso Nacional varios projectos têm sido apresentados regulamentando as 8 horas de trabalho, bem como o trabalho dos menores e das mulheres nas fábricas e officinas, sem comtudo se Ter cogitado do seu anelamento ou da sua applicação.¹³

Como num jogo de xadrez, onde cada peça possui um valor e uma posição estratégica, a busca pela participação na vida política da República foi algo presente cotidiano desses trabalhadores-artesãos que não virão muitas mudanças nas condições de trabalho. As cansativas jornadas de trabalho, o uso da mão-de-obra feminina e infantil foi algo que continuou fazendo parte da vida e da memória dessa camada da população .

Ocultas nas entrelinha do jornal as lutas, as manifestações grevistas e até mesmo as dores da repressão econômica e política, fazem com que a história do operariado, a cada dia reviva e aos poucos quebre as barreiras que foram impostas pelas elites e pelo poder público. Como Sheerazade, nas Mil e uma noites, os trabalhadores ao deixarem suas marcas/história

fazem com que a memória vença à morte e através dos seus relatos a alma do homem brasileiro, calejada porém guerreira, se humanize cada vez mais.

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro.

¹ Sobre a influência da Primeira Guerra Mundial na economia brasileira no início do século XX, ver GOMES, Angela Maria de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.19 e FAUSTO, B. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 129.

² Ver CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 84; pois a autora menciona a política de modernização econômica do governo de Rodrigues Alves e as reformas urbanas de Pereira Passos.

³ Sobre cidadania ver, GOMES, Angela Maria de C. *Cidadania e direitos do trabalho*. Op. cit., pp. 13-14 e CARVALHO, José M. de. *Cidadania no Brasil: longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁴ Sobre o movimento anarquista ver ADDOR, Carlos A. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2ª ed. Revista, 2002; COSTA, T. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1996; FAUSTO, B. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*, Op. cit. e MARAN, Sheldon L. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1979.

⁵ Ver THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶ O jornal é utilizado como veículo de comunicação e propaganda. Através dele é que os operários irão divulgar idéias como a redução da jornada de trabalho, direitos do trabalhador, denúncias de exploração do menor e da mulher. Ver GOMES, Angela Maria de C. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

⁷ Jornal O Gráfico - 15/01/1916.

⁸ Ver dissertação de mestrado de BARBOSA, Marinalva. "Os operários do pensamento". (*visão de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro 1880-1920*). Niterói, RJ.: ICHF- UFF, 1991. Introdução, p. 2.

⁹ Jornal O Gráfico - 01/01/1916

¹⁰ Ver CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, onde o autor pressupõe que o mundo social suas estruturas são produzidas historicamente através de práticas sociais, políticas, econômicas, que articuladas entre si, constroem/ criam suas figuras.

¹¹ Jornal O Gráfico - 01/01/1916

¹² Ver GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Onde o autor à maneira de um detetive, se utiliza de diferentes áreas do conhecimento para obter indícios ou vestígios que o levem a interpretar seus significados sociais e assim compreender a sociedade estudada.

¹³ Jornal O Gráfico - 01/01/1916.